



O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas, de Aldo Bizzocchi

Jonathas de Cerqueira Castro

Universidade Estadual do Piauí, Teresina (PI), Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6124-0485>

E-mail: jdeccastro@aluno.uespi.br

Aldo Bizzocchi é doutor em Linguística e Semiótica pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorados em linguística comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em etimologia pela USP. Em 2021, Bizzocchi publicou *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas*. Em seu prefácio, o autor adverte que a obra não é um livro didático, e nem deve ser tomada como tal. Dividida em quatro partes, a obra discute diversas questões relacionadas à língua e à sua compreensão de um ponto de vista científico. O autor utiliza recursos interessantes, para facilitar a compreensão do leitor, tais como figuras explicativas, para ilustrar conceitos complexos, e quadros comparativos abarcando diferentes línguas, evidenciando a similaridade entre elas, o que é um ponto bastante positivo. Ao final de cada capítulo, há notas explicativas sobre pontos específicos do texto.

Na parte I, “Uma ciência chamada linguística”, Bizzocchi aborda a origem da linguística enquanto ciência, por meio de sua revisão histórica, passando pelos períodos da Antiguidade (clássica), Idade Média e Idade Moderna. Um ponto positivo, e uma crítica pontual do autor, é a de que muitas das práticas que vigoram atualmente, como o estudo dos clássicos da língua portuguesa – malgrado o português falado no Brasil se distancie do português lusitano –, derivam de métodos originados no século XVII, período em que foram criadas as primeiras Academias francesas, as quais tinham como objetivo manter a “pureza” da língua, tornando padrão de correção e elegância o uso linguístico dos clássicos.

O autor aprofunda o estudo da linguística como ciência, destacando que o século XIX foi marcado pelo (possível) primeiro estudo linguístico dotado de uma metodologia científica, realizado por William Jones, que, por meio da análise de inúmeras palavras das línguas indus e europeias, utilizando-se do método de reconstrução por comparação, chegou a uma hipotética língua-mãe comum denominada indo-europeu.

Diversos outros pontos dignos de nota são abordados na seção introdutória, tais como a distinção entre língua e fala; a diferença entre os estudos diacrônicos e sincrônicos; o fenômeno da mutação linguística; e a origem de dialetos – cujo reconhecimento, muitas vezes, é uma questão



política e passível de forte estigmatização (aqui, Bizzocchi cita a aversão pelo dialeto que lembra o passado ruralista do Brasil).

Da leitura da primeira seção, o leitor compreende que a língua não é apenas um produto da cultura, mas também da história, visto que, por meio do estudo de uma variação linguística, é possível conhecer o passado de uma determinada população, tal qual o citado exemplo do dialeto caipira. Assim, a língua possui uma importante função de preservação da memória de uma cultura.

Bizzocchi ainda investiga a existência de uma língua predecessora, a língua-mãe das línguas atuais. Buscando responder a essa pergunta, pesquisadores cogitaram a existência de uma “protolíngua”, desenvolvida pelos primeiros hominídeos; essa teoria foi denominada “teoria da torre de Babel”. Tal protolíngua teria passado por estágios de desenvolvimento até chegar à fala articulada, a partir do momento em que a vida de nossos ancestrais se tornou suficientemente complexa, de modo a exigir uma comunicação mais sofisticada.

À medida que as atividades humanas se tornaram mais complexas, a comunicação se tornou essencial para lidar com as exigências da vida moderna. Isso levou a um aumento na complexidade da linguagem, tornando possível a expressão clara e precisa de ideias. Todavia, é importante ressaltar que uma análise puramente funcional da linguagem pode levar a uma visão limitada das línguas. Isso pode resultar em uma classificação hierárquica das línguas, nas quais algumas línguas (e culturas) são vistas como superiores a outras. Assim, o leitor deve estar atento para não ser levado por uma visão reducionista da linguagem, fazendo-se necessário que a análise dela seja mais ampla, incluindo aspectos sociais, culturais e históricos, a fim de evitar a perpetuação do preconceito linguístico.

Na parte II, “A mecânica da língua”, Bizzocchi busca explicar o funcionamento das línguas nos seus diversos aspectos. No primeiro capítulo, o autor aborda pontos como o sotaque; o gênero na linguística, com um ponto curioso de que, em muitas línguas, há a presença de três ou até quatro gêneros distintos; o uso dos números e a origem dos numerais. Por fim, Bizzocchi aborda as teorias que buscam definir o conceito de *palavra*, concluindo ser esta uma árdua tarefa, posto que nem linguistas, nem gramáticos conseguiram defini-la com exatidão.

Apesar de curta, a segunda parte da obra é bastante densa, focando muitas vezes, e de forma pormenorizada, as regras da gramática normativa, o que pode tornar, para alguns leitores, a leitura menos fluida. Para contornar esse problema, o autor lança mão de abordagens interdisciplinares sobre o assunto, trazendo conceitos da física e biologia, e até mesmo citando fatos históricos, para justificar a origem de determinados termos da linguística.

A parte III, “Linguagem, cultura e visões de mundo”, discute a relação entre a cultura e a língua, e como aquela varia de acordo com a mudança dessa, e vice-versa. Bizzocchi advoga que cada língua reflete uma particular visão de mundo, própria de cada cultura; essa visão é chamada de recorte cultural. Para o autor, o monolingüismo pode levar à limitação da visão de mundo, porquanto o modo de enxergar a realidade é “formatado” pela língua falada. Assim, aprender uma nova língua – conhecendo a sua cultura – leva a uma ampliação da visão de mundo.

Por fim, o autor indaga se a cultura determina a língua, ou se seria o contrário, concluindo pela impossibilidade de se saber quem surgiu primeiro, a linguagem ou a cultura, visto que am-

bas são intimamente ligadas. Um ponto importante abordado nessa seção diz respeito à categorização de línguas (e culturas) como “primitivas” ou “civilizadas”. Segundo Bizzocchi, a maioria das línguas “primitivas” não possui vocábulos abstratos (como conjunções e preposições), ou são limitadas em seus numerais, pois “a vida na selva não exige grande precisão aritmética. Também pouco exige frações, raiz quadrada, geometria [...]” (2021, p. 163).

A partir da leitura da seção, o leitor pode perceber o que entendo como um determinismo econômico, do ponto de vista do autor, pois ele concebe que a língua de um povo se condiciona a seu modo de produção ou sistema econômico. Dessa forma, um sistema econômico mais complexo levará a desenvolvimentos cultural e linguístico “superiores” àquele de uma sociedade tribal, cujos modos de produção e relações de poder são muito mais simples.

Entretanto, essa visão pode levar a uma concepção equivocada de que uma sociedade com um sistema econômico mais complexo é cultural e linguisticamente “superior” a uma sociedade tribal com modos de produção e relações de poder mais simples. Essa postura etnocêntrica que considera a cultura branca como superior às outras deve ser combatida e tratada com cautela, uma vez que foi usada para justificar a invasão e dominação de diversas sociedades tribais, como ocorreu na África e na Austrália, por exemplo. É fundamental reconhecer que não existe uma superioridade cultural ou linguística e que a diversidade é uma riqueza que deve ser preservada. Nesse sentido, a linguística deve trabalhar para entender e valorizar as diferenças linguísticas e culturais, sem perpetuar o etnocentrismo e a discriminação.

Na parte IV, “A linguagem e a mente”, o autor se propõe a explicar como o cérebro processa os símbolos, e como criamos as representações que são o fundamento do nosso próprio pensamento. Como dito, as línguas criam uma visão de mundo particular de cada cultura, de ver e pensar a realidade. Nessa seção, Bizzocchi aprofunda a discussão, ao afirmar que a realidade só pode ser pensada por causa de uma linguagem. O autor percorre os processos mentais ligados à linguagem, desde o uso de metáforas linguísticas, ao processo de abstração da linguagem, chegando a discutir como as línguas criaram nossos conflitos existenciais, por meio de criações abstratas (como a morte, Deus, a infinitude, o Nada, entre outros). Por conta desse poder de abstração da língua, Bizzocchi afirma que vivemos em uma realidade criada por nossos símbolos, tal qual em o mito da caverna de Platão (2019).

Outro ponto que merece aprofundada discussão e reflexão, é a preocupação do autor com relação ao extermínio das línguas. Segundo Bizzocchi, nos próximos 100 anos, 50% das mais de 6 mil línguas existentes desaparecerão, majoritariamente línguas de sociedades tribais africanas e americanas, tendo como principal causa as dominações econômica e cultural branca. Esse desaparecimento de línguas das sociedades tribais é fruto de um projeto de dominação político, social e econômico disfarçado de globalização e desenvolvimento, incentivado pelo modelo econômico capitalista, que dita a necessidade de expansão e de imposição de uma língua dominante (no caso, o inglês) aos diversos povos do globo, tolhendo-lhes suas línguas maternas e, por conseguinte, apagando suas culturas. As páginas dedicadas por Bizzocchi a esses temas são um ponto bastante positivo, e certamente devem ser trazidas para a sala de aula.

Como informado no prefácio, a obra não é um livro didático, e nem deve ser tomada como tal. Na verdade, *O universo da linguagem: sobre a língua e as línguas* é um livro muito mais den-

so do que as suas 221 páginas o fazem parecer. Ainda assim, o autor torna a leitura agradável por meio de exemplos didáticos e comparações com outras disciplinas.

É uma leitura obrigatória, para quem almeja iniciar a formação acadêmica no campo da linguística, pois realiza o estudo das línguas e da linguagem desde a sua origem, analisando-as sob um contexto interdisciplinar. O autor, ainda, apresenta ao leitor ramos específicos da linguística, como a sociolinguística e a psicolinguística, o que é um ponto bastante positivo, pois atrai a atenção do leitor, de modo a lhe apresentar a possibilidade de seguir nesses ramos de pesquisa.

Por esse conjunto de motivos, a obra cumpre com o seu objetivo de apresentar ao leitor uma gama de informações de forma fluida e atrativa, sendo ideal para estudantes que estão no início da graduação.

REFERÊNCIAS

BIZZOCCHI, Aldo. **O universo da linguagem**: sobre a língua e as línguas. São Paulo: Contexto, 2021.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: EDIPRO, 2019.

